

[Encruzilhadas]

→ **Classificação:**

Lendas: Lendas do Sobrenatural: Lobisomens

Classificação: Isabel Cardigos (CEAO/Universidade do Algarve) em Setembro de 2011

Fonte da classificação: base de dados online www.lendarium.org Ver aqui APL 2063, também da zona de Beja

→ **Assunto:** Dois homens zangam-se por cauda de umas partilhas, voltam a encontrar-se numa encruzilhada, numa sexta-feira à noite...

→ **Palavras-chave:** aldeia, Beja, burro, coice, encontrar, encruzilhada, garreia, hospital, lobisomem, moca, partilhas, porrada, porrote, sexta-feira, vergões, vulto

→ **Região:**

- **Região:** Sul
- **Sub-região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Beja
- **Freguesia:** Salvada

→ **Contador:**

- **Nome:** Ilda Martins Branco
- **Data de nascimento:** 1939
- **Residência:**

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Outubro de 2010
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Realização:** José Barbieri para projecto MEMORIAMEDIA
- **Produção:** MEMORIAIMATERIAL cooperativa cultural CRL
- **Local de filmagem:** Junta de Freguesia de Salvada.
- **Duração do vídeo:** 00:04:44
- **Apoios:** Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas/MC.
- **Parcerias:** Colaboração com a Biblioteca Municipal de Beja.

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Junho de 2011
- **Palavras:** 812

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Junho de 2011
- **Palavras:** 467

[Encruzilhadas]

[Informante 1 (IM):] – «Na⁽¹⁾ acredito em bruxas. Não tenho medo delas. Na' penso nelas. É como o medo: o medo há pequinino⁽²⁾, há grande, há maior. O medo é conforme nós o fazemos.

Mas houve uma coisa quando eu era solteira, lá na minha aldeia, houve uma garreia⁽³⁾ entre dois homens numa venda⁽⁴⁾. E um disse prò⁽⁵⁾ outro:

– *Deixa estar que ainda te hei-de de encontrar. Ainda te hei-de encontrar numa encruzilhada⁽⁶⁾, numa estrada.* – Sabem o que é uma encruzilhada? Uma estrada: vem uma de além, vem outra de além, vem (...).

[Informante 2 (MB):] – É onde as bruxas fazem mal!

[Informante 1 (IM):] – Bem...

[Informante 2 (MB):] – E era lá que ele podia fazer mal...

[Informante 1 (IM):] – Por causa das partilhas⁽⁷⁾...

[Informante 2 (MB):] – Dumas partilhas dum...

[Informante 1 (IM):] – Por causa de uma partilha. E discutiram na venda e um saiu pra fora da venda e disse:

– *Deixa estar que ainda te hei-de de encontrar! E é numa encruzilhada de uma estrada.*

E o outro ficou c' aquilo⁽⁸⁾ na cabeça.

– **Pera lá*⁽⁹⁾! Eu trabalhando no monte⁽¹⁰⁾, eu passo a esta encruzilhada. E eu, quando passo lá, já é de noite, e o bicho vai-me lá esperar... E ele vai-me lá dar uma boa sova.*

[Informante 2 (MB):] – A encruzilhada de uma estrada é muito mau!

[Informante 1 (IM):] – *Ele vai-me lá dar uma boa sova.*

[Informante 2 (MB):] – Mas se ele se benzesse, o outro na' lhe podia fazer mal.

[Informante 1 (IM):] – Pois.

[Informante 2 (MB):] – Só que há pessoas que na' têm esse hábito.

[Informante 1 (IM):] – Pois. Mas ele... Ele...Pois, coitado, o homem na' pensava essas coisas. Nunca pensou essas coisas! Mas *po' sim, po' não*⁽¹¹⁾, lá no monte onde estava, uma noite, pensou assim:

– *'Pera lá... Eu vou arranjar aqui...*

[Informante 2 (MB):] – Uma coisa qualquer...

[Informante 1 (IM):] – Naquele tempo era um porróte⁽¹²⁾.

[Informante 2 (MB):] – Um porrote era um pau!

[Informante 1 (IM):] – Era um pau grosso com uma... Uma cachacoma/cachaporra(?)

[Informante 2 (MB):] – Com uma moca⁽¹³⁾ ali na ponta, uma coisa por...

[Informante 1 (IM):] – *Por o sim, por o não⁽¹¹⁾, eu vou levar isto, porque se ele 'tiver⁽¹⁴⁾ à minha espera aí na estrada, ou lá onde ele disse falou numa encruzilhada, pode me 'tar à espera de lá, de mim.*

Bem, aquilo passou uma noite ou duas e na' aparecia ninguém. Na' chegava o dia, porque ele tinha que ter um dia escolhido.

[Informante 2 (MB):] – Tinha que ter um dia pra⁽¹⁵⁾ ser aquilo!

[Informante 1 (IM):] – Poi'⁽¹⁶⁾!

[Informante 2 (MB):] – Poi'.

[Informante 1 (IM):] – Muito bem que vinha, numa sexta-feira, andando, vê um vulto (...).

[Informante 2 (MB):] – Uma sexta-feira...

[Informante 1 (IM):] – Da encruzilhada. Um vulto. Diz ele assim:

– *Ah! Malandro!*

[Informante 2 (MB):] – *'Tá aqui.*

[Informante 1 (IM):] – *É ele que está aí... É ele que está ali!*

[Informante 2 (MB):] – (...) o outro.

[Informante 1 (IM):] – *É ele que está ali! Ma⁽¹⁷⁾... Eu agora vou e na' faço mai⁽¹⁸⁾ nada...*

[Informante 2 (MB):] – *Dou-le⁽¹⁹⁾ uma porrada...*

[Informante 1 (IM):] – *Dou-le uma porrada! Que o enrolo logo!* – Pensou aquilo!

[Informante 2 (MB):] – Pensou ele! Mas, coitado...

[Informante 1 (IM):] – Mas quando ia a chegar ao pé do vulto, levou um coice⁽²⁰⁾! – Foi verdade! Ele foi pro⁽²¹⁾ hospital, o outro! Veja lá, porque isso descobriu-se por cauda disso! – Levou um coice!

[Informante 2 (MB):] – O outro era labisome⁽²²⁾!

[Informante 1 (IM):] – Levou um coice! No peito.

[Informante 2 (MB):] – Derrubou.

[Informante 1 (IM):] – Derrubou-o logo!

[Informante 2 (MB):] – Poi'!

[Informante 1 (IM):] – Ele endireitou-se e agarra a moca e dá-le em dar porradas. Mas viu que não era uma pessoa!

[Informante 2 (MB):] – Viu que era um animal.

[Informante 1 (IM):] – Viu que era um animal! Que estava ali! Assim que se pôde safar... Ele, o outro, ficou deitado com as mocadas⁽²³⁾ que apanhou. E ele foi pra casa.

Ele, no outro dia, foi pro⁽²¹⁾ trabalho.

À noite, na venda...

– *Ah! O Fernando nunca foi trabalhar...*

– *O que é que aconteceria?*

– *Nunca foi, nunca apareceu lá ao trabalho.*

[Informante 2 (MB):] – Nesse tempo, se perdendo um dia era muito! Faltava logo o ordenado!

Transcrições integrais/Beja / [Encruzilhadas]

[Informante 1 (IM):] – Atão⁽²⁴⁾, pois! Na' disse nada, mas pensou assim:

– ‘Pera lá! O meu cunhado, faltar ao trabalho?! Alguma coisa se passou.

Foi pra casa. Chegou a casa, disse assim:

– Escuta lá! Atão? O marido da tu' mana, nunca foi trabalhar, atão? ‘Tá doente?

– Ah! Parece que caiu, ficou Mali⁽²⁵⁾, e a minha irmã teve que perder o dia, pra ir com ele ao hospital!

Diz ele assim: – Caiu e ficou mal! Atão, teu irmão disse-me isto *assim, assim*⁽²⁶⁾; fez-se em burro, em tal parte... – Olhe, conforme era as mocadas, assim eram os vergões⁽²⁷⁾ que ele tinha.»

Ilda Martins, Mariana Bicho, Beja, Outubro de 2010

Glossário:

- (1) **Na'** – não (houve supressão da acentuação e do *o* para reproduzir pronuncia popular, uso coloquial).
- (2) **Piquenino** – pequenino.
- (3) **Garreia** – discussão, briga.
- (4) **Venda** – taberna, mercearia da aldeia ou estabelecimento modesto onde se vendem refeições mais baratas.
- (5) **Prò** – para o (contração da preposição *pra* com o artigo ou pronome *o*; uso popular e coloquial).
- (6) **Encruzilhada** – lugar onde vários caminhos se cruzam (dois ou mais).
- (7) **Partilhas** – determinação do que cabe a cada pessoa numa divisão de bens materiais (herança, lucros, património).
- (8) **C' aquilo** – com aquilo (houve supressão de *om* para manter a pronúncia).
- (9) **‘Pera lá!** – Espera lá! – expressão que, no caso, denota a realização de uma conjectura, de uma suposição, uma pausa para colocar as ideias em ordem ou estabelecer um plano. Houve supressão do *es* para manter a pronúncia, uso coloquial.
- (10) **Monte** – regionalismo do Alentejo – «Cada herdade, com raríssimas excepções, contém uma casa ou edifício denominado monte - talvez por ser construído sempre no alto duma colina ou ondulação do terreno, - no qual, além da parte destinada à habitação do proprietário e do seu feitor, ou guardas, existem os celeiros, as arrecadações da *ucharia* ou dos aparelhos agrícolas, as cavalariças, o forno, a abegoaria, etc. Em algumas herdades há, ainda, outras casas, alugadas aos jornaleiros ou criados da lavoura, designados então por caseiros, - termo de sentido bem diverso do que lhe compete ao norte do Tejo, onde significa feitor.» (Gonçalves:1921:128-129).
- (11) **Po' sim, po' não / Por o sim, por o não** – pelo sim, pelo não (para prevenir, para acautelar).
- (12) **Porróte** – bordão, cacete com ponta arredondada.
- (13) **Moca** – pedaço de pau com uma extremidade mais grossa, usado para bater.
- (14) **‘Tiver** – estiver (pronúncia popular do verbo “estar” conjugado, uso coloquial).
- (15) **Pra** – para (redução da preposição “para”, sua forma sincopada, usada no registo popular, informal).
- (16) **Poi'** – pois (houve supressão do *s* para manter a pronúncia, uso coloquial).
- (17) **Ma'** – mas (supressão do *s* para reprodução de pronúncia, uso coloquial).
- (18) **Mai'** – mais (houve supressão do *s* para reproduzir a pronúncia, uso coloquial).
- (19) **-Le** – lhe (pronome, registo popular e modo informal).
- (20) **Coice** – pancada dada com as patas traseiras por um animal (que assenta as quatro patas no chão).
- (21) **Prò/ Pro** – para o (contração da preposição *para* com o artigo *o*, registo popular, informal).

Transcrições integrais/Beja / [Encruzilhadas]

- (22) **Labisome'** – lobisomem (homem que, segundo a crença popular, se transforma em animal durante a lua cheia e deambula pela noite, no caso, transformou-se num burro).
- (23) **Mocadas** – pancadas.
- (24) **Atão** – então, regionalismo de Portugal, de uso coloquial.
- (25) **Mali** – mal (houve acrescento do *i* para manter a pronúncia popular).
- (26) **Assim, assim (disse-me isto)** – isto e aquilo; desta e daquela maneira;
- (27) **Vergões** – lesões na pele deixadas por uma pancada.

Referências bibliográficas e recursos online utilizados no glossário:

- Barros, Vítor Fernandes & Guerreiro, Lourivaldo Martins. (2005). Dicionário de Falares do Alentejo. Porto: Campo das Letras p.100.
- Barros, Vítor Fernandes, (2006). Dicionário do Falar de Trás-os-Montes e Alto Douro. Lisboa: Edição Âncora Editora e Edições Colibri, p.254.
- Fradinho, Manuel Gomes. (1933). Maneiras de dizer alentejanas. Revista Lusitana, Volume XXXI, Lisboa: Livraria Clássica Editora, p. 111.
- Gonçalves, Luís da Cunha. (1921). A vida Rural do Alentejo. Breve estudo léxico-etnográfico. II – O regime da propriedade rural. A terra e a habitação. O lar e a alimentação. Sistema usual de explorar a terra. Os salarizados e os salários. Horário do trabalho rural (pp.128-136). Academia das Ciências de Lisboa. (1926).
- Boletim da Classe de Letras (Antigo Boletim da Segunda Classe). Actas e Pareceres Estudos, Documentos e Notícias. Volume XV. 1920-1921. Coimbra: Imprensa da Universidade (p.128-129).
- Nunes, José Joaquim. (1902). Dialectos algarvios. Revista Lusitana, Volume 7, Lisboa: Antiga Casa Bertrand, p.125.
- Pombinho Júnior, J. A. (1935). Vocabulário alentejano — (Subsídios para o léxico português) — (continuado do vol. XXVI, pág. 83). Revista Lusitana, Volume XXXIII, Lisboa: Livraria Clássica Editora, p. 168.
- Ribeiro, José Diogo. (1930). Linguagem popular de Turquel. Revista Lusitana. Volume XXVIII. Lisboa: Livraria Clássica Editora. P.230.
- <http://aulete.uol.com.br>;<http://michaelis.uol.com.br>;<http://www.ciberduvidas.com>;<http://www.infopedia.pt>;<http://www.priberam.pt>